
GEOGRAFICIDADES E CARTOGRAFICIDADES: OS MAPAS MENTAIS E O ATO DE REPRESENTAR

GEOGRAPHICITIES AND CARTOGRAPHICITIES:
THE MENTAL MAPS AND THE ACT OF REPRESENTING

GEOGRAFICIDADES Y CARTOGRAFICIDADES:
LOS MAPAS MENTALES Y EL ACTO DE REPRESENTAR

Amélia Regina Batista Nogueira¹

RESUMO: O texto tem como objetivo geral apresentar algumas reflexões sobre o sentido de fazer uma Geografia que tome como referência as geofraficidades construídas na relação de existência do Ser com o mundo, a ligação das pessoas com a Terra. Uma Geografia que parte dos sujeitos que experienciam e vivenciam os lugares e suas paisagens, uma geografia para quem a realidade se apresenta tal como ela é. Estudos de teóricos como Joly (1990), Martins (2010), Dardel (2011), Tuan (2012), Nogueira (2014) subsidiaram as discussões no âmbito da temática proposta neste estudo. Como ciência, a Geografia ao longo de sua história caminha com o processo de descrição e representação dos fenômenos no mundo. Se partirmos das geofraficidades, das descrições do mundo, da existência, como mapear esse mundo? Os Mapas Mentais são as formas de representação apontadas, pois são construídos, não na escala gráfica, mas nas escalas afetivas, simbólicas, cultural e social.

Palavras-chave: Geograficidade. Cartograficidade. Lugar. Existência.

ABSTRACT: The text has as a general objective to present some reflections about the meaning of doing Geography that takes as reference the *geographicities* built in the relation of existence of the Being with the world, the connection of people with the Earth. A Geography that starts from the subjects that experience and live the places and their landscapes, a geography for whom reality is presented as it is. Studies by theorists such as Joly (1990), Martins (2010), Dardel (2011), Tuan (2012), Nogueira (2014) subsidized the discussions within the theme proposed in this study. As a science, Geography throughout its history walks with the process of description and representation of the phenomena in the world. If we start from geographicities, from descriptions of the world, of existence, how to map this world? The Mental Maps are the appointed forms of representation, because they are built, not in the graphic scale, but in the affective, symbolic, cultural and social scales.

¹ Professora Titular do departamento de Geografia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Doutora em Geografia Física pela Universidade de São Paulo (USP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6934-5707>. E-mail: ameliatbatista@ufam.edu.br.

Artigo recebido em abril de 2021 e aceito para publicação em julho de 2021.

Keywords: Geograficity. Cartograficity. Place. Existence.

RESUMEN: El texto tiene como objetivo general presentar algunas reflexiones sobre el significado de hacer una Geografía que tome como referencia las geograficidades construidas en la relación de existencia del Ser con el mundo, la conexión de las personas con la Tierra. Una Geografía que parte de los sujetos que experimentan y viven los lugares y sus paisajes, una geografía a la que la realidad se le presenta tal y como es. Estudios de teóricos como Joly (1990), Martins (2010), Dardel (2011), Tuan (2012), Nogueira (2014) subvencionaron las discusiones dentro del tema propuesto en este estudio. Como ciencia, la Geografía, a lo largo de su historia, camina con el proceso de descripción y representación de los fenómenos del mundo. Si partimos de las geograficidades, de las descripciones del mundo, de la existencia, ¿cómo cartografiar este mundo? Los Mapas Mentales son las formas de representación señaladas, porque se construyen, no en la escala gráfica, sino en las escalas afectiva, simbólica, cultural y social.

Palabras clave: Geograficidad. Cartograficidad. Lugar. Existencia.

INTRODUÇÃO

Ao longo da minha carreira acadêmica como estudante, pesquisadora e professora de geografia venho fazendo um esforço de reflexão sobre a ciência geográfica, e perseguindo o conhecimento geográfico que aprendi, que esta ciência, apesar de parecer distante da vida das pessoas, descrevia lugares, paisagens, territórios que só tinham existência porque eram o espaço de vida de cada ser no mundo. Desta forma, foi-me revelado que a geografia é também o conhecimento que se preocupa com as práticas espaciais, e essas são diversas, como diversas são as paisagens da Terra, como diversos são as relações dos homens e das mulheres com a Terra. Aprendi que a relação cultural e histórica dos homens e mulheres com a Terra foi sendo registrada e representada graficamente, foram essas representações que permitiram muitos estudos arqueológicos e antropológicos, a fim de entender de que forma a terra era habitada em tempos passados.

Assim, o conhecimento geográfico se estabeleceu como a Ciência que descreveria, refletiria e compreenderia as relações entre a sociedade e a natureza ao longo do tempo, e o representaria. Porém, como a Ciência tem uma linguagem de generalização dos fenômenos (precisava criar leis universais), encontrou na linguagem geométrica, a segurança de uma linguagem universal, que “possivelmente” nos aproximaria da verdade sobre os fenômenos analisados. Assim, a ciência, no primeiro momento, não se preocupou com as singularidades e particularidades dos fenômenos. Em particular, a Geografia científica, neste momento, não tinha como objetivo compreender as singularidades dos lugares e paisagens, mas, sim, estabelecer relações, conexões, comparações entre os fenômenos da Terra, e localizá-los precisamente.

Isso tudo estaria resolvido se no meio do caminho tivesse só pedras, porém no meio, entre e sobre os caminhos têm homens e mulheres, que se relacionam, se envolvem e apreendem cada pedaço do lugar por onde andam e onde vivem. Lugares e paisagens que sugerem afeto, medo, pelos quais ao longo da história entre os homens foram desvendados, disputados e assim descritos independentemente da linguagem da ciência que fez surgir a ideia de “ocidental, capitalista, sexista e branca” (SANTOS, 2000, p. 85). Portanto, não daria conta de entender tantos outros lugares, a partir de uma única linguagem de explicação e representação.

Essas e outras questões me fizeram repensar a nossa forma de fazer e ensinar geografia. Levou-me a pensar as geografias dos lugares, e para isso necessitava romper paradigmas. Aproximei-me dos geógrafos que ansiavam fazer ciência para as pessoas, e com as pessoas, não queria mais desvendar os lugares e suas paisagens sozinha, a partir de minhas observações descritas em um caderno de campo, representadas por um croqui, rascunhando em um papel a localização dos fenômenos físicos e humanos observados, que, em seguida, dentro de um pequeno laboratório, de frente para um computador, teria sua localização precisa, representada. Assim, me afastei do cartógrafo.

[...] que deverá saber fazer um levantamento de campo, conduzir uma pesquisa de sondagem, passar a limpo um croqui ou redigir um mapa manual que não justifica o uso do computador. Deverá fazer as escolhas racionais e gráficas a ser designadas para o programador (JOLY, 1990, p. 135).

Pensei, a partir de diferentes perspectivas, no observador que se percebe como visitante, como um fotógrafo, como um pesquisador, e aquele que é da casa, do “lugar”. As pesquisas geográficas nada perdem ao dar voz aos sujeitos que experienciam os fenômenos.

A geografia enquanto prática espacial cotidiana, bem como enquanto ciência, ao falar dos lugares e suas paisagens, descreve-as e as representa para os que os experienciam essa representação, ela foge da visão geométrica primada pela ciência. Dardel (2011) considera que:

[...] a geometria opera sobre um espaço abstrato, vazio de todo o conteúdo, disponível para todas as combinações. O espaço geográfico tem um horizonte, uma modelagem, cor, densidade. Ele é sólido, líquido ou aéreo, largo ou estreito: ele limita e resiste”, assim, o espaço geográfico é único, cada lugar tem sua singularidade, não pode ser compreendido na totalidade, apenas pela linguagem do geômetra (DARDEL, 2011, p. 2).

A Terra é um texto a decifrar, “o desenho da costa, os recortes das montanhas, as sinuosidades dos rios formam os signos desse texto” (DARDEL, 2011, p. 2). Cada leitor percebe e interpreta esse texto a partir de suas experiências e visões de mundo. Há muitas Geografias, assim como muitas cartografias. E, aqui, nos reportaremos não apenas a uma geografia humanista cultural, mas a uma cartografia humanista e cultural, uma cartografia social.

Desta forma, aproximei-me da Geografia Humanista Cultural, particularmente, que busca compreender os lugares e as paisagens a partir dos mundos vividos e experienciados por cada um que o vivencia. Uma abordagem que entende que a representação cartográfica e gráfica pode fugir da visão geométrica, os significados dos signos se dão a partir da diversidade cultural, ambiental e social. Assim, consideramos que a Terra é diversa nos seus múltiplos aspectos, e ao nos desviarmos dessa leitura homogênea e geométrica, encontramos-nos com as geograficidades e as cartograficidades dos sujeitos do e no mundo.

GEOGRAFICIDADES E CARTOGRAFICIDADE: DESCRREVENDO E REPRESENTANDO OS LUGARES VIVIDOS

Em outros trabalhos, já venho perseguindo a categoria geograficidade trazida por Dardel (2011), que a concebe como um conceito-chave na Geografia Humanista Cultural.

Dardel (2011) relaciona existência e realidade geográfica, para ele a:

[...] geografia não é, de início, um conhecimento: a realidade geográfica não é, então, um “objeto”; o espaço geográfico não é um espaço em branco a ser preenchido a seguir com colorido. A ciência geográfica pressupõe que o mundo seja conhecido geograficamente, que o homem sinta e se saiba ligado à Terra como ser chamado a se realizar em sua condição terrestre (DARDEL, 2011, p. 33).

Essa relação pressupõe uma geograficidade, a geografia construída na vivência, nos lugares descritos na relação de existência, de cotidianidade, uma geografia que se faz “por amor ao solo natal ou busca por novos ambientes, uma relação concreta liga o homem à Terra... uma geograficidade como modo de sua existência e de seu destino” (DARDEL, 2011, p.1-2). Nesse sentido, a história da Geografia é construída quando descrevemos a história da relação humana com a Terra. Ao descrevê-la, os ancestrais a grafavam em pedras, madeiras, coro de animais, grafavam sua história nos elementos da natureza, demonstrando, assim, seu modo de estar “encarnado” na Terra. São essas grafias fundamentadas na geograficidade humana que nos leva a pensá-las como uma cartograficidade, que seriam as representações gráficas que mapeiam o modo de ser dos seres humanos na Terra ao longo de sua história.

A cartograficidade não desconhece a Cartografia. Reconhece esta como um conhecimento que se apropriou da linguagem matemática para representar a forma da Terra, medir as distâncias entre lugares, representar os planaltos e planícies, as densidades populacionais, as diferentes zonas climáticas, a evolução urbana, o desmatamento, os diferentes biomas da Terra e as diferentes culturas, sempre com a precisão de localização. Logo, a escolha da linguagem de representação deveria ser generalizante de forma que todos as reconheçam como, por exemplo, o azul, no mapa, representando a água.

A desvantagem deste procedimento é que acabou passando por cima das representações do mundo de diferentes culturas. As percepções individuais sobre os lugares deixaram de ser consideradas para se levar em conta as elaborações feitas dentro dos laboratórios em cima de fotografias. A realidade a ser representada em muitos mapas, parte da realidade fotografada e não diretamente do campo, como outrora. É uma representação de uma outra representação (NOGUEIRA, 2014, p. 105).

E mais recentemente a representação por imagens de satélites com computadores de altas resoluções, muitas vezes em tempo real. Porém, com o mesmo grau de objetividade na intensão de localização. Contudo, o que fazer quando uma das maiores bacias hidrográficas de água doce do Brasil tem coloração nitidamente “marrom”, “barrenta”?

No Amazonas, em pesquisa realizada com o objetivo de mapear um município de várzea, a partir das percepções e mapas mentais dos comandantes de embarcações, um comandante de embarcação que navega pelos Rios Solimões/Amazonas, e que foi colaborador da pesquisa, ao desenhar seu mapa Mental, pintou os rios de águas barrentas da cor que ele é, “cor de barro”. Os comandantes desses rios não se preocupam com a convenção, querem representar, mapear os lugares e suas paisagens, tal como elas se apresentam. Não há, aí, uma cartografia, mas uma cartograficidade. É a relação de afetividade que será expressada. Os signos representados nesses mapas revelarão uma relação de topofilia (TUAN, 2012) ou topofobia com os lugares e suas paisagens.

Conforme salientamos, não é uma negação da cartografia, mas uma busca por outra linguagem que seja compatível com a abordagem Humanista e cultural da Geografia. Assim chegamos aos Mapas Mentais, estes sendo entendidos como a representação gráfica construída pelos sujeitos que vivenciam e experienciam os lugares, uma representação que demonstra o grau de percepção sobre o lugar, as paisagens e territórios por quem produz saberes sobre lugar e saberes que interferem no seu modo de existência, nos seus modos de vida.

Os mapas mentais representam uma cartograficidade do ser com seu lugar. Neste sentido, partiremos de uma geografia que tome como referência as geograficidades e as cartograficidades que são produzidas a partir da relação do ser com e no mundo. Minhas primeiras incursões com os mapas Mentais foi em compreendê-los como linguagem para uma alfabetização cartográfica, iniciando por construir com escolares mapas de percurso de casa/escola. A intensão era trabalhar o conceito de mapa, perceber se os mapas mentais daqueles escolares já traziam ideia de proporção, escala, visão horizontal e oblíqua, o que eu pretendia era trazer para a linguagem formal da cartografia o que era uma referência espacial vivida cotidianamente, onde a árvore encontrada no caminho era a jaqueira do vizinho; a padaria era do seu José, a casa era da amiga.

Alterei a rota e mudei o percurso. Cheguei ao entendimento de que os mapas mentais são representações de realidades sociais e culturais vivenciadas, são mapas em que são representadas as percepções de quem está vivenciando o lugar, que quer demonstrar o que é, como é, e o que representa viver aí? São mapas que grafam as paisagens, as territorialidades vividas, grafam os problemas sociais, culturais, socioambientais. São os mapas das geograficidades das pessoas. Uma cartograficidade como forma de representar as relações visíveis e invisíveis que ligam as pessoas ao mundo vivido, neles o que importa não é a escala gráfica, mas a afetiva ou ainda a toposfóbica.

Ao longo de alguns trabalhos de pesquisa que acompanhei, compreendemos lugares e histórias de paisagens e territorialidades amazônicas a partir das percepções e representações dos sujeitos que estão ligados por uma condição de existência ao mundo, como podemos ver nos mapas mentais de um líder Apurinã², que hoje vive no espaço urbano da cidade de Manaus. Porém, em um ato silencioso de resistência, e para manter viva sua identidade, imagina a possibilidade de manter na cidade uma territorialidade Apurinã, que ele tem na memória, mesmo distante do Purus, em que descreve e mapeia uma aldeia.



Fonte: Rozinei Martins (2010).

Figura 1. Mapa Mental – Novas Comunidades Apurinã no Rio Purus-Am. Senhor Geraldo e Sra. Moça Apurinãs, que hoje vivem no Bairro de Val Paraíso, na cidade de Manaus.



Fonte: Rozinei Martins (2010).

Figura 2. Mapa Mental Igarapé do Cainaã. Comunidade Apurinã, Rio Purus-AM.

Desta forma, faz-nos conhecer os modos de vida na floresta. E não é uma memória de um passado distante, mas o modo como os Apurinãs que ficaram lá (Purus) se organizam, as aldeias às margens dos rios e dos igarapés. Se não podem reproduzir essa territorialidade na cidade, eles a sustentam na memória, como modo de preservar uma identidade territorial. A lembrança é uma forma de se mostrar como ser de uma história dos lugares, conforme enfatizou Dardel (2011) em uma de suas proposições,

[...] a lembrança excede, assim, a simples preocupação científica de anotar as medidas de temperatura e da salinidade. O geógrafo que mede e calcula vem atrás, à sua frente há o navegante vigiando as novas terras, o explorador na mata, o pioneiro, o imigrante, ou simplesmente o homem tomado por um movimento insólito da Terra, tempestade, erupção, enchente. Há uma visão primitiva da terra, que o saber, em seguida, vem ajustar (DARDEL, 2011, p. 7).

Estamos tentando representar e desvendar os lugares a partir das geograficidades e cartograficidades dos sujeitos que experienciam os diversos lugares e paisagens da Terra, tomando como referência a interrelação entre os seres e os lugares, suas percepções, suas lembranças, seu modo de ser no mundo. Se os mapas mentais são representações significativas na demarcação de um território traçada pela memória, o são também, para traçar paisagens e territórios de trabalho, como verificou-se na pesquisa de João Bosco Brasil (2015) sobre as mulheres pescadoras de camarão em comunidades do município de Parintins, no Amazonas. Elas demarcam seu território de trabalho, demonstrando em seus mapas todo o processo de técnica e inserção nas paisagens dos lagos de pesca do camarão. O interessante é perceber que elas também se colocam no mapa, é um olhar não apenas de observador, mas de ser encarnado no processo da pesca, convivendo com os diversos elementos da paisagem.



Fonte: João Bosco Brasil (2015).

Figura 3. Mulheres pescadoras de Camarão. Comunidade Catispera, em Parintins-AM.



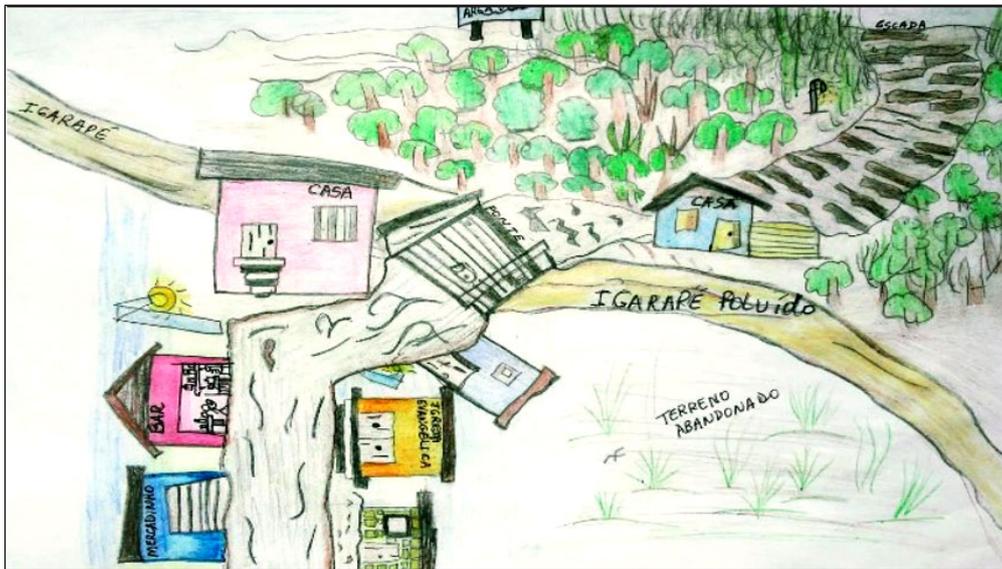
Fonte: João Bosco Brasil, 2015.

Figura 4. Pescadoras de camarão e seus instrumentos de pesca. Lago da Rapariga, na Comunidade Catispera, no Município de Parintins-AM.

Dois mapas representados por duas pescadoras. Neles, elas representam toda uma relação existencial que constroem com essas paisagens. Está, aí, demarcado um território de trabalho, todo o seu modo de vida, e elas não estão fora das paisagens, elas compõem essa paisagem. A pesca só ganha significado na existência do ser aí, com essas mulheres. É a geograficidade representada em um mapa.

As paisagens urbanas também se apresentam nos mapas mentais dos cidadãos. Tomamos como referência os mapas mentais de jovens e adolescentes, estudantes do ensino médio, que ao discutir a violência na cidade expressaram que a cidade se constitui com diferentes paisagens, uma delas, é a paisagem do medo. A cidade que para alguns é o caminho para melhorar as condições de trabalho, de saúde e educação, para muitos jovens, significa insegurança, medo da violência e da morte. Ao olhar a cidade, na intenção de mapeá-la, eles percebem e expressam problemas ambientais, de habitação, da falta de segurança da cidade, ou seja, existe uma relação conflituosa entre o sentimento de toponímia e topofobia (TUAN, 2012).

Manaus é uma cidade recortada por igarapés, que hoje tem seus leitos poluídos, ocupados por habitações sem infraestrutura, pontes improvisadas, sem iluminação, bairros que ficam próximos a reservas florestais urbanas, que são os “mais perigosos”, pois essas áreas geralmente são consideradas, pelos moradores das proximidades, como terrenos abandonados, habitados por animais e marginais. Na Figura 6, percebe-se que o jovem traça “o território do perigo”, a “linha vermelha”, usando uma linguagem policial, pinta de vermelho as ruas perigosas, e de azul, as mais ou menos perigosas, assim a cidade vai se revelando através da percepção e representação dos jovens da cidade, como uma paisagem também do medo (TUAN, 2005).



Fonte: Risaldo Lima Duarte (2019).

Figura 5. Subida do medo. Bairro Monte Sinai, Zona Norte de Manaus.



Fonte: Risaldo Lima Duarte (2019).

Figura 6. Area Vermelha – Zona Norte da cidade de Manaus.

NAS CARTOGRAFICIDADES O SER-ENVOLTO-NO MUNDO SE REVELA...

Quero, como últimas palavras deste ensaio, responder algumas questões que nos é posta ao propor uma geografia que tome como ponto de partida para pensar o espaço, o lugar e as paisagens como expressão da existência, tomando como referência a proposição de Dardel (2011). O autor nos conduziu a uma Geografia que se faz a partir das geograficidades do ser no mundo, e que proponho ser representada através das cartograficidades, considerando ser essa forma de representação não apenas reveladora como são os lugares e as paisagens, mas, também, reveladora de geograficidades do ser.

Como podemos observar na Figura 6, as mulheres pescadoras se colocam na paisagem descrita, se reconhecem; os Apurinãs, embora, alguns estejam na cidade, mas querem demonstrar que eles ainda estão lá, nas margens do Purus. Se territorializando ancestralmente a cidade para eles, é um lugar de passagem, seu lugar é lá; o jovem urbano se vê no meio da paisagem do medo, demonstra uma relação de afeto e medo, mas se sabe sujeito desses lugares. Sua casa está lá, em meio à paisagem do medo, é seu lugar de segurança, o lugar que os liga à cidade. Porém, o que fazer com essas cartografias sociais, mentais, etnocartografia e com as cartograficidades?

Penso que do ponto de vista epistemológico, é uma Geografia Radical, pois, propõe fazer ciência a partir dos saberes que construímos no dia a dia, busca compreender os lugares e suas paisagens, considerando o que elas têm de visível e invisível. Mapear a cidade a partir das cartograficidades, nos fará entender o mundo como ele é, com todas as suas diversidades, sociais, culturais e ambientais, pois os fenômenos serão representados, não apenas por um pesquisador que tem o domínio teórico-metodológico, que sabe sistematizar os fenômenos humanos em uma linguagem, que transforma as pessoas e seus problemas em dados estatísticos, georreferenciados em um programa de computador, mas serão fenômenos representados por quem vive cada problema da violência, do preconceito étnico, de gênero, e quem vive a segregação espacial, os problemas ambientais, enfim, pelos sujeitos que estão envolvidos no mundo.

Desta forma, tenho pensado que os mapas mentais nos conduzem a uma cartograficidade, pois são representações de lugares, paisagens, territorialidades, do espaço geográfico, enquanto espaço vivido. Sua linguagem, não será geométrica, mas afetiva e simbólica. De acordo com Dardel (2011), vale lembrar que

é naturalmente que falamos de rios majestosos ou caprichosos, de torrentes fegosas, de planícies risonhas, de relevo tormentoso. Mesmo desgastado pelo uso, o vocabulário afetivo afirma que a Terra é apelo ou confiança, que a experiência do rio, da montanha ou da planície é qualificadora, que a apreensão intelectual e científica não pode extinguir o valor que se encontra sob a noção. Medo, admiração, simpatia, participamos ainda, por mais modernos que sejamos, por um acordo ou desacordo fundamental, no ritmo do mundo circundante. Entre o Homem e a Terra permanece e continua uma espécie de cumplicidade no ser (DARDEL, 2011, p. 6).

Assim sendo, as cartograficidades podem ter como linguagem a da poesia, da música, da literatura, além, é claro, das narrativas e memórias das pessoas comuns, fruto de suas experiências com o mundo.

NOTA

2 Etnia que vive, na sua maioria, dispersas ao longo do Rio Purus, no Amazonas, porém como povo migrante também se encontra dispersa em Rondônia, Municípios de Boca do Acre, Pauini, Lábrea, Tapauá, Manacapuru, Beruri, Manaquiri, Manicoré no Amazonas e Rondônia e nos centros urbanos desses estados.

REFERÊNCIAS

- BRASIL, J. B. dos S. **Mulheres pescadoras da várzea do município de Parintins – AM: a pesca do camarão nas comunidades da Brasília e Catispera.** Orientação de Amélia Regina Batista Nogueira. 2015. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, 2015.
- DARDEL, E. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica.** Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- DUARTE, R. L. **Percepção da criminalidade e da violência em Manaus: as paisagens do medo dos estudantes do ensino médio.** Orientação de Amélia Regina Batista Nogueira. 2019. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação de Geografia, Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, 2019.
- JOLY, F. **A cartografia.** Campinas, SP: Papirus, 1990.
- MARTINS, R. **(Re)significar a identidade Apurinã na cidade de Manaus.** Orientação de Amélia Regina Batista Nogueira. 2010. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação de Geografia, Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, 2010.
- NOGUEIRA, A. R. B. **Percepção e representação gráfica: a “geograficidade” nos mapas mentais dos comandantes de embarcações no Amazonas.** Manaus: EDUA, 2014.
- SANTOS, S. B. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência.** São Paulo: Cortez, 2000.
- TUAN, Y F. **Paisagem do medo.** Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: UNESP, 2005.
- TUAN, Y F. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.